



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na solenidade de assinatura da
mensagem que encaminha ao Congresso
Nacional o projeto de lei que transforma a
Escola Federal de Engenharia de Itajubá em
Universidade Federal de Itajubá*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 25 DE SETEMBRO DE 2000

Meu caro amigo Presidente Aureliano Chaves; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Parlamentares; Senhor Prefeito de Itajubá, Francisco Marques; nosso Diretor da Escola Federal de Engenharia de Itajubá, José Carlos Goulart Siqueira; Senhoras e Senhores,

Como já disse, aqui, o Ministro, vem de longa data o sonho da comunidade acadêmica, e diria que é partilhado pela sociedade inteira, de transformar em Universidade a Escola Federal de Engenharia de Itajubá. E, hoje, nós estamos dando passo decisivo para transformar esse sonho em realidade.

Isso é uma conquista, que não é só de Itajubá e de Minas mas, se me permitem, é uma conquista de todo o Brasil. Se nós olharmos para trás, para a História, vamos ver que a caminhada foi longa, mas muito recompensadora para o desenvolvimento do nosso país.

A Escola, como já foi dito pelo Ministro Paulo Renato, foi fundada em 1913 e, naquela ocasião, contou com a presença do Presidente da República, Hermes da Fonseca, e do Vice-Presidente, que era o

itajubense Wenceslau Braz. Ela se chamava Instituto Eletrotécnico Mecânico de Itajubá.

Em 1956, foi federalizado. E ganhou, em 68, a sua denominação atual. Disse-me o Presidente Aureliano Chaves que ele, em 1951, como estudante, foi procurar o então Presidente Getúlio Vargas para instar, com ele, sobre a necessidade desta federalização.

O fundador da Escola, já aqui mencionado, Teodorico Carneiro Santiago, viajou para a Europa, com recursos da própria família – isso é um exemplo – e trouxe de lá professores belgas, franceses e suíços, para formarem o laboratório. E trouxe um laboratório completo de hidráulica que, pelo testemunho que me foi dado há pouco pelo Senador José Roberto Arruda, continua sendo usado pela Petrobras, tal a qualidade desse laboratório.

Itajubá passou a ser, praticamente, o único centro formador em eletro-eletricidade na América do Sul, do começo do século até os anos 50. Claro que ela se transformou numa referência fundamental para todos nós. Num país como o nosso, que é tão ligado à energia elétrica, evidentemente Itajubá passou a ser um centro de referência.

Muitas das obras importantes, desde as pequenas, os pequenos aproveitamentos de água, até as grandes obras – Paulo Afonso, Três Marias, Cemig e Eletrobrás – em todas elas nós tivemos, lá, a presença de Itajubá, através dos seus professores e dos seus ex-alunos. Eu me permito citar alguns: José Marcondes Brito, Licínio Seabra, Kerman Machado, Benjamin Mário Batista, só para citar alguns entre muitos outros.

E, também, Itajubá teve um papel importante, quando foi organizado o ITA que é lá em São José dos Campos, em São Paulo, e o Inatel, em Santa Rita do Sapucaí, que são, também, centros de excelência e engenharia.

Esse é o processo clássico de difusão tecnológica, científica e cultural. É até, muito curiosamente, um processo que se repete no Brasil. Quer dizer, alguém vai buscar, nos Centros de Formação, na Europa ou, agora, nos Estados Unidos, onde seja, traz para cá alguns professores, se cria uma escola e, depois, essa escola, evidentemente, através de seus ex-alunos, se espalha, se espalha pelo Brasil afora.

Hoje, nós vemos que a Escola de Itajubá preserva a qualidade do ensino e tirou, também, mineiramente, a lição do seu fundador, que dizia o seguinte: “Revelemo-nos mais por atos do que por palavras, para sermos dignos de possuir este grande País”. Assim tem sido com Itajubá, à velha moda mineira, mais por ato do que por palavras, menos retórica e mais ação, que é o que se faz lá, em Itajubá. Trabalhando em silêncio mas forjando grandes homens públicos.

Até permito-me dizer que muitos deles já serviram o Brasil, ou estão servindo. Cito aqui, e está presente, Joel Mendes Rennó, que foi Presidente da Petrobras, que nos ajudou bastante; Luiz Laércio Simão Machado, que é ex-Presidente de Furnas; Afonso Henriques Moreira Santos, Diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica; Luiz Augusto Horta Nogueira, Diretor da Agência Nacional de Petróleo; Ivo Brasil, titular da diretoria colegiada da Agência Nacional de Águas; Carlos Roberto Galo, que é Diretor Técnico da Eletrosul; Dimas Fabiano Toledo, Diretor de Planejamento de engenharia e construções de Furnas; Celso Ferreira, Diretor de Comercialização de Engenharia Elétrica de Furnas, e muitos outros atualmente em franca atividade, servindo ao Brasil e servindo, portanto, também à continuidade desse espírito que nasceu com tanta força lá, em Itajubá.

Quero também lembrar aqui que o Senador Alberto Silva, que está no Senado da República, é ex-aluno, para não deixar de falar naquele que já foi falado aqui e que, realmente, quando quer alguma coisa é melhor fazer logo, que é o Senador José Roberto Arruda, engenheiro formado em Itajubá. Ele é mineiro também. Portanto, trabalha silenciosamente – nem sempre silenciosamente –, mas trabalha com muita energia.

Estamos vendo que, se é verdade que, no início, Itajubá já nasceu ao lado do Presidente da República, Hermes da Fonseca, já teve ali as bênçãos de um ilustre mineiro, Wenceslau Braz, está-se vendo que Itajubá não perdeu a sua força política e continua ativa no cenário brasileiro. E, agora, quase um século depois, está outro Presidente da República para participar desse ato que tem uma importância fundacional para a cidade de Itajubá, para Minas e para o Brasil.

Agora, também queria aproveitar essa oportunidade para reiterar as homenagens a alguém muito ilustre e ligado a Itajubá, que é ex-aluno de Itajubá, eminente homem público, Deputado Estadual, Federal, Governador de Minas, Ministro de Estado, Vice-Presidente da República, exercendo a Presidência da República, com um papel fundamental na redemocratização do país – e não vou me esquecer jamais de quantas vezes estivemos juntos, naquela altura – e que sempre primou pela coragem cívica e pela competência que marca a ação de um verdadeiro estadista, que é o Doutor Aureliano Chaves.

Isso mostra que a presença aqui, nesta solenidade, de tantos brasileiros com raízes em Itajubá, a forma eloqüente da transformação da Escola em Universidade, é um pleito mais do que legítimo. Está-se vendo pelas presenças ilustres aqui. E atendê-lo é uma decisão natural, depois dessa longa trajetória.

A Escola, há muito, vinha ampliando o leque dos seus cursos e tem, hoje, pelo que me informam, nove cursos de graduação nas mais variadas áreas: ciência da computação, engenharia ambiental, engenharia elétrica, mecânica, e por aí vai, com mais de 1.200 alunos, o que mostra a força dessa Escola. Além disso, pós-graduação em engenharia elétrica, mecânica, engenharia da produção, as duas primeiras com mestrado e doutorado e a terceira com mestrado. As avaliações que o Ministro Paulo Renato introduziu com tanto afinco no Ministério da Educação têm mostrado resultados excelentes. O conceito da Escola só tem aumentado. Temos lá 133 professores, a maior parte dos quais são doutores ou têm diploma de mestrado. Portanto, é uma das instituições com maior grau de qualificação entre todas as universidades e escolas federais. Desde o momento de sua criação, a Escola, não se perdeu com este século, pelo contrário, se manteve muito ativa e está, hoje, continuando a exercer o ensino em graduação e atua com reconhecimento da sociedade toda, pelos excelentes serviços profissionais. Já foram mais de 5.200 engenheiros formados – 5.200. É alguma coisa que vai dando orgulho. Essa Escola é, portanto, também uma fonte de criação científica, tecnológica.

Há muitos bolsistas que lá trabalham. O CNPq e a Fatemig também ajudam a esse desenvolvimento, de tal maneira que temos lá um núcleo de pesquisa científica.

Quero também aproveitar a oportunidade para dizer, mais uma vez, o que tenho dito com muita frequência: desde a criação do CNPq, que é de 1951, o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil tem sido muito forte, muito marcante. Os brasileiros têm que ter orgulho da sua comunidade científica e tecnológica – têm que ter orgulho. O CNRS, que é o correspondente ao CNPq na França, foi criado em 53, e a National Science Foundation, dos Estados Unidos, também é dessa mesma época. Quer dizer, em meados do século XX nós criamos, juntos – Estados Unidos, França e Brasil – o sistema científico.

De tal maneira que isso é que vai nos permitir dar passos mais sólidos para os desafios do século XXI, quando o processo de globalização atinge economias, finanças, informação, cultura e nos traz o imperativo dessa sociedade de conhecimento.

Se nós não tivermos a capacidade de uma efetiva adaptação e, mais que adaptação, criatividade científica e tecnológica, nós não teremos como participar mais ativamente do mundo que se está formando. E, por trás dessa possibilidade, estão escolas, como a Universidade, hoje, de Itajubá.

Creio que isso, daqui para a frente, será a preocupação fundamental de todos nós, brasileiros. Nós estamos criando, neste momento, alguns fundos para pesquisa em ciência e tecnologia, correspondentes a todas as áreas que foram privatizadas.

Só o fundo de petróleo, neste ano, já tem, mais ou menos, 150 milhões de reais postos à disposição dos pesquisadores. Nós criamos vários fundos – não sei nem quantos, são seis, sete. Esses fundos vão gerar, no conjunto, cerca de 1 bilhão de reais. Espero que a partir do ano que vem já seja assim, por ano. E não é dinheiro para substituir alínea de Orçamento, é dinheiro para se acrescentar ao disponível no Orçamento.

Isso se fez na área de telefonia, isso se fez na área de eletricidade, se fez na área de petróleo, está se fazendo na área de água, está se fazendo

na área de medicamentos, na área de *software*, aí com um imposto para os que remetem lucros para o exterior. Um imposto para financiar fundos de pesquisa. Imagino que, com esses recursos, nós vamos ter capacidade, efetivamente, de preparar este país para o próximo século.

Estamos, agora, ativamente preocupados com a implementação da Internet 2, que dá uma velocidade muito maior à difusão das informações. Isso é uma das prioridades do Ministério de Ciência e Tecnologia. E não é só. Por exemplo, no fundo do Ministério presidido hoje pelo Ministro, também mineiro, Pimenta da Veiga, que é o Fust, um fundo de universalização para toda a área de telefonia, nós estamos imaginando que, em cada uma das escolas públicas brasileiras, num período de dois, três anos, nós vamos ter um computador ligado à Internet. São 250 mil escolas.

E, por conta própria, uma das empresas que hoje é de São Paulo, a Telefônica, já colocou computadores, já os ligou à rede da Internet, em todas as escolas públicas de São Paulo. Quer dizer, isso significa que aquele pavor que nós todos temos, que seria o analfabetismo cibernético, talvez nós... Talvez, não. Vamos ter que impedir que ele ocorra no Brasil. E nós podemos dar um salto muito grande desta maneira.

De modo que acredito que tudo isso, que faz parte do que costumo chamar de uma revolução silenciosa, que está se fazendo na área de educação, é o que nos anima a acreditar que as coisas vão para a frente, vão melhorar. E podem certeza de que essa Escola de Itajubá, que teve tanta importância e continua tendo tanta importância, nessa nova condição, como Universidade Federal, ela vai continuar a servir ao Brasil de forma muito ativa.

Queria, também, registrar, aqui, a presença do Doutor Antônio Ermírio de Moraes, cujas empresas abrigam engenheiros de Itajubá. Ele mesmo me enviou uma correspondência, pleiteando, também, que a Escola se transformasse em Universidade. Vejam, realmente, como isso é abrangente, no Brasil: essa sensibilidade para com essa questão de Itajubá, a criação de uma Universidade em Itajubá.

Quero, também, lembrar que, na companhia dos Senadores José Arruda, Francelino Pereira, José Alencar e do Ministro Pimenta da

Veiga, estive em Itajubá, num momento crítico da cidade, que foi aquela enchente que havia vitimado a população. Agora, fico feliz de poder presidir uma cerimônia alegre, uma cerimônia em que, ao invés de irmos prestar solidariedade a uma população que estava sofrendo as enchentes, nós vamos poder dizer que estamos querendo nos juntar ao garbo de Itajubá e à alegria de Itajubá poder ver hoje sua Escola transformada em Universidade.

Peço ao Diretor da Escola, que aqui nos acompanha, o Professor José Carlos Goulart de Siqueira, e ao Prefeito, também engenheiro Francisco Marques, que transmitam ao povo de Itajubá o meu apreço e a imensa felicidade que tive, não só de poder ter assinado este documento, na frente dos Senhores todos, mas, principalmente, de poder ter participado deste momento de grande satisfação, em que pude rever tantas pessoas, que têm marcado a vida do Brasil. E a certeza de que aqueles que não conheço, mas que são de Itajubá, são ligados à Escola, vão continuar marcando a vida de nosso País.

Muito obrigado.